



*A corte joanina no Rio de Janeiro Oitocentista:
notas de pesquisa*

Fernando Santa Clara Viana Junior

Resumo: Esta pesquisa elege como objeto de análise a forma como os rituais cortesãos – especialmente os ligados à alimentação – sofreram modificações e adaptações em função da chegada e permanência da corte portuguesa no Brasil, entre 1808-1822. Tendo em vista tal finalidade, elegemos como fontes primordiais para o seu desenvolvimento obras produzidas no período, a saber: “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil” (1834) do naturalista francês Jean Baptiste Debret e “Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818” (1820) do comerciante inglês John Luccock. De forma a complementar o cenário e a acompanhar o cotidiano carioca com as possíveis mudanças relacionadas à temática, analisaremos também a “Gazeta do Rio de Janeiro”, jornal impresso na capital carioca ao longo do período joanino. Cabe ressaltar que, por ora, trata-se de uma pesquisa que começa a ganhar seus contornos e é, portanto, um conjunto de notas de pesquisa.

Palavras-chave: História da Alimentação; Cozinha de Corte; Relatos de Viajantes no Brasil; Poder Simbólico.

A História é, por essência, uma disciplina de constantes reinvenções. Assim, descortinar possibilidades de interpretação do passado é, por essência, a práxis constante do historiador. É neste cenário que inscrevemos nossa pesquisa.

A alimentação é um objeto já permanente da História – seu tratamento, entretanto, se modificou ao longo do tempo: de ciclos econômicos à expressão de cultura material. A pesquisa que nos propomos desenvolver em nosso doutorado parte da premissa: o alimento é a expressão de microcosmo de relações sociais, econômicas e políticas. O que se come, como se come, com quem se come, muito diz da realidade de um grupo social, permitindo-nos, portanto, perceber mais frestas que nos permitam uma compreensão mais ampliada do passado.

Nosso projeto, portanto, elege como problemática central a análise da dinâmica social do Rio de Janeiro no primeiro quartel no século XIX, focalizando as dimensões cortesãs que se estruturam em face da instalação da corte portuguesa em 1808. Ultrapassando as apreciações puramente políticas e econômicas, as novas dimensões cortesãs se expressam por meio de mudanças relacionadas a novos modelos de conduta e de consumo que se inscrevem no cotidiano dessa elite da terra, até então marcada pela prevalência de características agroexportadora.

A corte no Brasil

A chegada da família real e sua comitiva introduziu o consumo de novas mercadorias, de novos objetos e, também, de novos hábitos de comportamento que precisavam se alinhar aos critérios de uma sociedade de corte, cujos contornos já estavam definidos em âmbito europeu, mas que em terras tupinambás sofreram adaptações em face da realidade concreta. Interessamos, desse modo, esquadrihar tais mudanças e adaptações e seus impactos na nova configuração dessa elite da terra.

No Brasil, a chegada dos Bragança e de sua comitiva, convertendo a antiga colônia na “sede da monarquia lusitana”,¹ impactaria definitivamente o cotidiano carioca. Como destaca o historiador Luís Norton, desembarcaram no Brasil em 1808 não somente a Corte e sua esquadra, mas “um Estado inteiro, com todo o material indispensável ao seu funcionamento”.² Imediatamente após a chegada, o Príncipe Regente nomeou uma comitiva ministerial, que deveria cuidar de modernizar os processos administrativos característicos da relação colonial. Assim começou-se o processo de formação de um Brasil regencial.

O historiador Ronald Raminelli, comentando sobre o período, aponta alguns indícios que ajudam a identificar melhor o cenário, especialmente em seus aspectos hierárquicos e de distinção:

Em relação à América portuguesa, vale mencionar que a sociedade de ordens permanecia um arcabouço estatutário e jurídico que viabilizava legalmente as hierarquias, privilégios e liberdade. Exceto os títulos providos pela monarquia, particularmente os hábitos das ordens militares e os ‘cargos honrosos da República’, os demais súditos não contavam com respaldo jurídico para a inclusão na nobreza, lá estavam devido à dimensão informal própria do Novo Mundo.³

Nesse sentido, é importante destacar que a composição da elite carioca, conforme apontados pelos principais estudiosos do tema,⁴ era oriunda muito

1. VICENTE, Antônio Pedro. “Política Exterior de D. João VI no Brasil”. Estudos Avançados, v. 7, n. 19, São Paulo, set.-dez. 1993, pp. 193-214, p. 200.

2. NORTON, Luís. A Corte de Portugal no Brasil: notas, alguns documentos diplomáticos e cartas da imperatriz Leopoldina. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2008, p. 43.

3. RAMINELLI, Ronald. “Nobreza e Riqueza no Antigo Regime Setecentista”. In: Revista de História. São Paulo, n. 169, jul.-dez. 2013, p. 83-110, pp. 86.

4. Cf., entre outros, FLORENTINO, M.; FRAGOSO, J. L. R. O Arcaísmo como Projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; FRAGOSO, J. L. R. Homens de Grossa Aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; RAMINELLI, 2013, p. 83-110.

mais da esfera mercantil que da esfera administrativa, ligada à concessão de mercês. Nesse aspecto, era preciso construir vias de acesso ao *modus vivendi* da corte, agora estabelecida no Brasil, com suas práticas e cerimoniais áulicos. Inaugurava-se, portanto, um período de treze anos marcados por profundas modificações: o Rio de Janeiro tornou-se sede do centro administrativo do Império Português, o que impactou desde seu contexto econômico, passando por uma reordenação urbana e social. De fato, a elite brasileira se fazia outra.⁵ Frente ao contexto apresentado, elegemos como objeto de análise do presente projeto a forma como os rituais cortesãos – especialmente os ligados à alimentação e seu entorno – sofreram modificações e adaptações em função da chegada e permanência da Corte portuguesa no Brasil, entre 1808-1822, com a finalidade de arregimentar a elite local para a nova realidade vivida pelo Rio de Janeiro, centro irradiador de tal processo. Nosso recorte privilegia a elite carioca, mais especificamente as estratégias de inserção desse grupo no universo cortesão, por meio da adoção de práticas consideradas civilizadas. Para tanto, buscaremos reunir informações por meio de registros de viajantes estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro naquele período, uma vez que tais testemunhos estão circunscritos num padrão civilizador europeu. Por outro lado, procuraremos investigar nas publicações da Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro jornal local, por meio dos anúncios, os indícios que expressam as novas demandas de produtos e serviços, surgidas à medida que a colônia se fez Reino.

Buscamos articular, portanto, dois conjuntos documentais, objetivando apreender o *modus vivendi* da Corte portuguesa instalada no Brasil: os relatos de viajantes, sendo estes oriundos de um naturalista inglês (John Luccock) e de um artista francês (Jean Baptist Debret), aliados às notícias publicadas no jornal da capital. Entendemos, então, que é nas proximidades dos discursos dessas fontes que poderemos apreender um pouco do que era o cotidiano cortesão,

5. OLIVEIRA, Anelise M. B. A Arte dos Bons Costumes na Corte Brasileira (1808-1821). Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009, p. 11.

além de buscar compreender, aliando-os a bibliografias concernentes ao período em questão, de que forma as questões simbólicas empreendidas num campus estavam sendo postas e, ao mesmo tempo, reatualizadas.

Cabe destacar, ainda, a relevância deste tema para os estudos historiográficos. Aliado com este grupo de pesquisa, entendemos que os diálogos entre os trabalhos calcados no século XVIII luso, tão caros à nossa discussão, serão meios de sustentação para compreendermos o início do século XIX brasileiro. Entre proximidades e afastamentos, compreender o cenário luso-brasileiro a partir das novas leituras políticas, econômicas e sociais que emergem sobre a história dos dois territórios, é um dos desafios postos a esta pesquisa.

O que pretende este trabalho

Com nosso trabalho, objetivamos caracterizar a alimentação e seus rituais, na corte joanina instalada no Rio de Janeiro no início do século XIX, por meio de relatos de viajantes e da circulação de da Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro e importante jornal brasileiro em circulação na capital, produzidos no período joanino no Brasil, com a finalidade de mapear sensibilidades, gostos e sentidos culturais na Corte. Além disso, buscamos contextualizar o cenário brasileiro do período no que diz respeito à construção da sociedade de Corte e seus símbolos, observando em que medida se constrói um padrão cortesão de hábitos alimentares a partir do novo modelo de civilidade que se constitui ao longo da estada da Corte no Brasil. Por fim, faz-se necessário avaliar em qual medida o início do século XIX reflete a passagem de uma cozinha ainda colonial, com ingredientes nativos da terra, para uma cozinha mais requintada, recheada de ingredientes e hábitos alimentares vindos d'além mar.

Tais objetivos, além de subsidiados pelos trabalhos que estamos desenvolvendo acerca da corte joanina carioca, também encontram base em nosso trabalho produzido ao longo do mestrado, no qual os livros de cozinha portugueses dos séc. XVII-XVIII foram objetos de análise.

A hipótese de nosso trabalho circunda as noções acerca da mudança nas conformações sociais da corte carioca no período joanino. Assim, considerando que a vinda da Corte portuguesa para o Brasil foi o evento responsável pela atualização dos hábitos das elites brasileiras em inícios do século XIX, temos como hipótese que a alimentação e as práticas de sociabilidade em torno da mesa se converteram em traços de distinção da elite local na busca pela inserção no universo cortesão, proporcionando um refinamento de seus modos de vida. Neste sentido, operaram-se reformulações nos padrões de consumo dessa elite, em direção a um padrão civilizador europeu, contudo, em diálogo com os costumes e com a oferta de produtos locais. É a partir deste espaço que buscaremos trabalhar com cada uma das fontes que nos propomos analisar.

Das fontes

A primeira delas e já aqui referida, Gazeta do Rio de Janeiro, trata-se do espaço oficial de publicação de fatos que se relacionavam ao Brasil e ao mundo. Com o passar do tempo, as notícias foram retratando mais a realidade brasileira, de modo a ter em seus classificados, como ora apresentado, o anúncio de prestação de serviços em cozinha, de venda de ingredientes importados etc. Desta forma, tendo este jornal grande importância no que tange aos acontecimentos na capital ao longo do período joanino, entendemos que se torna uma fonte importante à execução de nosso trabalho. Ressaltamos, em tempo, que todas as edições do jornal, desde 1808 a 1822, estão disponíveis em mídia digital no site da Biblioteca Nacional.

A este escopo de fontes, integra-se, também, o Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, de Jean Baptiste Debret, que foi publicada na França em 1841, apesar de escrita desde 1834, e é o “resultado das informações coletadas de pessoas e outros autores e de observações feitas em primeira mão pelo autor, durante o período em que esteve no Brasil, de 1816 á 1831”.⁶ A obra

é constituída por 156 pranchas, além de anotações e textos descritivos, de modo que, para o autor, “la plume et le pinceau suppléassent tour à tour à leur mutuelle insuffisance”.⁷

Sendo o autor um dos artistas que chega com a missão francesa, esta que fora contratada por d. João e que seria responsável por trazer alguma civilidade a terras brasileiras,⁸ sua obra corresponde a uma importante fonte no que tange aos estudos do cotidiano. Assim, sua pranchas e seus escritos muito nos dizem acerca do que era o Brasil de sua chegada, em 1816, compondo nosso recorte histórico, que vai até 1820.

Ao longo de sua estada no Brasil, Debret, ao retratar o cotidiano do Brasil, então Reino Unido,⁹ é capaz de traçar diferenças entre a alimentação da Corte e dos mais abastados, ao mesmo tempo em que busca apresentar paralelos do cotidiano dos menos abastados. Em sua obra, aliados às artes de pincel, os escritos de pena nos dizem, por exemplo, que a farinha de trigo que chegava ao Brasil, provenientes do Rio Grande do Sul e da América do Norte,¹⁰ era matéria-prima para os padeiros fabricarem biscoitos salgados, roscas e bolachas, pães açucarados e com erva-doce.¹¹ A obra de Debret inscreve-se enquanto uma importante aliada na compreensão do cotidiano cortesão do século XIX no Brasil.

Não somente a alimentação figura na obra do artista, que fala de modo a abarcar os fazeres cotidianos de vários estamentos sociais, inclusos aí os fazeres gastronômicos: execução de receitas, aquisição de ingredientes etc.

6. SILVA, Emilia M. F. REPRESENTAÇÕES DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA NA VIAGEM PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL, DE JEAN BAPTISTE DEBRET. In: Labirintos, n. 8, Feira de Santana, jul.-dez., 2010, pp. 1-10, p. 1.

7. DEBRET, Jean Baptiste. Voyage Pittoresque et Historique au Brésil, ou Séjour d'un Artiste Français au Brésil, tome premier. Paris: Libraires, 1834.

8. SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. “A fundação de uma Europa possível”. Anais do Seminário Internacional D. João VI: Um Rei Aclamado na América. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2000, pp. 9-17, p. 11.

9. DEBRET, 1834, op. cit., tomo III, p. 203.

10. BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond. Sabores do Brasil em Portugal: descobrir e transformar novos alimentos (séculos XVI-XXI). São Paulo: Senac, 2010, p. 169.

11. DEBRET, 1834, op. cit., tomo II, p. 6.

Desta forma, sua obra se apresenta enquanto uma importante fonte primária para apreendermos as maneiras, os modos nos quais se inscreveu a cozinha de Corte no Brasil em parte do período joanino. Ressaltamos que a obra se encontra disponível on-line em francês, além de ter sido recentemente publicada, em 2013.

Com a vinda de D. João VI ao Brasil, a abertura ao conhecimento e produção científica tornou-se um marco. Como consequência deste processo, a vinda de cientistas naturalistas estrangeiros ao Brasil foi significativa. Não somente a vinda de cientistas do exterior ganhavam proporções significativas neste período, como também a vinda de comerciantes.¹² É neste contexto em que a obra do cientista e comerciante John Luccock se localiza. Disponível em meio impresso, a obra está disponível em nossa biblioteca particular para consulta. Vindo da Inglaterra, John Luccock deixou um importante legado no que tange à descrição do que fora o Rio de Janeiro ao longo do período joanino – ou, pelo menos, até 1818, data de seu retorno a Yorkshire. Segundo o escritor Laurentino Gomes,

O registro mais detalhado da paisagem e dos costumes do Rio de Janeiro no tempo da chegada da Corte foi feito por um inglês. John Luccock, comerciante de Yorkshire, desembarcou no Rio de Janeiro em junho de 1808, três meses depois da família real portuguesa.¹³

Além de sua estada na Corte, esteve em Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia e São Paulo, sempre registrando o que via ao longo da jornada e comparando o que ocorria nas demais regiões ao que via na capital. De forma sistemática e buscando oferecer “ao leitor a opinião imparcial sobre os usos e costumes do povo, sobre os acontecimentos políticos, sobre toda a paisagem social de um país imenso e desconhecido”,¹⁴ John Luccock produziu

12. OLIVEIRA, 1997, op. cit., p. 30.

13. GOMES, Laurentino. 1808. São Paulo: Globo, 2014, p. 68.

um vasto material, sendo utilizado largamente nos estudos do período em que o Brasil abrigou a Corte portuguesa, o que o torna caro ao nosso trabalho. Intitulado *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil*. Tomadas durante uma estada de dez anos, de 1808 a 1818 e publicado pela primeira vez na Inglaterra em 1820, sua obra compôs um dos relatos de viajantes pelo Brasil. Se parte de sua obra é composta por anotações da paisagem e da atmosfera carioca, parte dela também revela costumes às mesas abastadas. Numa de suas empreitadas em terras brasileira, fora convidado a jantar e notara que, mesmo em mesas abastadas, era importante que os convivas levassem suas próprias facas,

Em geral larga, pontiaguda e com cabo de prata. [À mesa, observou que] os dedos são usados com tanta frequência quanto o próprio garfo. [...] Considera-se como prova incontestável de amizade alguém servir-se do prato de seu vizinho; e, assim, não é raro que os dedos de ambos se vejam simultaneamente mergulhados num só prato.¹⁵

Notamos, portanto, com este exemplo, como a obra do autor pode contribuir fortemente em nosso trabalho, no que tange às práticas à mesa, assim como a adoção de determinados comportamentos cortesãos.

À guisa da conclusão

Nosso trabalho, até o presente momento, caminha em bom ritmo. Por estarmos em processo de levantamento das informações a partir das fontes, ainda estamos elencando os marcadores que serão nossos indicadores¹⁶ frente

14. LUCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*, tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818. São Paulo: Martins, 1942, p. 81-82.

15. LUCOCK, 1942, op. cit., p 83-84

16. Tais marcadores indicativos serão construídos sob orientação da metodologia compreendida "análise de conteúdo", esta orientada pelos estudos de Laurence Bardin.

à análise de conteúdo que nelas constam.

Com o devido fôlego, compreendemos que, para o próximo encontro, com os marcadores já elencados, os dados já registrados e tabulados, poderemos avançar mais sobre a exposição, elencando, inclusive, indicativos da hipótese ora apresentada.

REFERÊNCIAS

Documentação Primária

DEBRET, Jean Baptiste. **Voyage Pittoresque et Historique au Brésil**, ou Séjour d'un Artiste Français au Brésil. Paris: Libraires, 1834.

Gazeta do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta.htm>. Acesso em 20 ago. 2015

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818**. São Paulo: Martins, 1942.

Bibliografia Instrumental e de apoio

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond. **Sabores do Brasil em Portugal: descobrir e transformar novos alimentos (séculos XVI-XXI)**. São Paulo: Senac, 2010, p. 169.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

FLORENTINO, M.; FRAGOSO, J. L. R. **O Arcaísmo como Projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FRAGOSO, J. L. R. **Homens de Grossa Aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

GOMES, Laurentino. **1808**. São Paulo: Globo, 2014.

NORTON, Luís. **A Corte de Portugal no Brasil: notas, alguns documentos**

diplomáticos e cartas da imperatriz Leopoldina. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2008.

OLIVEIRA, Anelise M. B. A **Arte dos Bons Costumes na Corte Brasileira (1808-1821)**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

RAMINELLI, Ronald. “Nobreza e Riqueza no Antigo Regime Setecentista”. In: **Revista de História**. São Paulo, n. 169, jul-dez. 2013, p. 83-110.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. “A fundação de uma Europa possível”. **Anais do Seminário Internacional D. João VI: Um Rei Aclamado na América**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2000, pp. 9-17.

VICENTE, António Pedro. “Política Exterior de D. João VI no Brasil”. **Estudos Avançados**, v. 7, n. 19, São Paulo, set.-dez. 1993, p. 193-214.